3114 Rio de Janeiro, maio de 2025

SUMÁRIO EXECUTIVO

DINÂMICA DO TRABALHO AGRÍCOLA NO BRASIL ENTRE 2012 E 2023: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS DADOS DA PNAD CONTÍNUA

Fábio Alves
Especialista em políticas públicas e gestão governamental na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Disoc/Ipea). *E-mail*: fabio.alves@ipea.gov.br.

Tomás de Faria Balbino
Bolsista do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Disoc/Ipea. *E-mail*: tomas.balbino@ipea.gov.br.

Juliane da Silva Ciríaco
Bolsista do PNPD na Disoc/Ipea. *E-mail*: juliane.ciriaco@ipea.gov.br.

Eduardo Luiz Zen
Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea. *E-mail*: eduardo.zen@ipea.gov.br.

DOI: https://dx.doi.org/10.38116/td3114-port

A despeito do desenvolvimento expressivo da agropecuária brasileira na história recente, sobretudo aquela vinculada à produção de *commodities*, o trabalho agrícola vem demonstrando uma tendência de queda ao longo dos anos. As explicações para esse fato estão relacionadas à modernização da agropecuária: a adoção de pacotes tecnológicos envolvendo mecanização e uso de insumos químicos, que tem possibilitado incrementos de produtividade, com dispensa de mão de obra; o processo de urbanização do campo; e a consequente diversificação econômica, que oferece outras possibilidades de geração de renda não vinculadas ao setor agrícola.

Este *Texto para Discussão* irá focar na trajetória do trabalho agrícola entre 2012 e 2023, abrangendo todo período coberto pela Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) desde a sua primeira edição. Os dados foram desagregados por categorias de posição na ocupação e por macrorregiões, a fim de analisar se o trabalho agrícola apresentou diferenças em sua dinâmica, tanto em intensidade quanto em direção, dependendo do tipo de vínculo ou da grande região analisada.

Quanto à metodologia, a análise foi realizada a partir dos microdados PNAD Contínua. Para realizar a classificação de trabalho agrícola e trabalho não agrícola, foi utilizada a variável referente aos grupamentos de atividade principal do empreendimento do trabalho principal da semana de referência para pessoas de 14 anos ou mais de idade. Desse modo, foram consideradas como trabalho agrícola aquelas atividades pertencentes à categoria *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura*, enquanto todas as demais categorias foram consideradas como atividades não agrícolas. Em seguida, foram efetuados cruzamentos para observar a distribuição desses trabalhadores agrícolas nas diversas posições ocupacionais e categorias de emprego no trabalho principal da semana de referência. As posições ocupacionais analisadas incluíram: empregado no setor privado com ou sem carteira de trabalho assinada; trabalhador doméstico com ou sem carteira assinada; empregado no setor público com ou sem carteira assinada; militar e servidor estatutário; empregador; conta-própria; e trabalhador familiar auxiliar. Por fim, foram realizados cruzamentos espaciais para analisar a distribuição por macrorregiões brasileiras, a fim

mapear as disparidades regionais na concentração de emprego no setor agrícola.

Ao observar os dados referentes ao trabalho agrícola na PNAD Contínua, percebe-se uma tendência de redução do número de postos de trabalho nesse setor. Entre 2012 e 2023, o número de pessoas ocupadas no trabalho agrícola passou de pouco mais de 10 milhões para menos de 8 milhões em 2023. Ao se desagregar os dados nas categorias de posição na ocupação, observou-se que as categorias conta-própria e trabalhadores familiares auxiliares apresentaram um decréscimo significativo no período estudado. O número de ocupações classificadas como conta-própria, categoria que detém o maior percentual dentro do trabalho agrícola em 2012, era de 4,7 milhões no primeiro trimestre daquele ano, diminuindo para 3,3 milhões no último trimestre de 2023. Juntos, conta-própria e trabalhadores auxiliares familiares representam praticamente 100% das quedas registradas no final de 2023 em relação ao início de 2012. Essas duas categorias estão associadas predominantemente a ocupações relativas à agricultura familiar.

A análise realizada por desagregação das macrorregiões permitiu verificar que a região Nordeste apresentou comportamento diferente das demais em relação ao trabalho agrícola. Nessa região, houve a maior redução de ocupações agrícolas, respondendo por 71% da redução do trabalho agrícola no período estudado, redução ocorrida sobretudo entre as ocupações referentes às categorias conta-própria e trabalhador familiar auxiliar.

As ocupações referentes ao trabalho familiar auxiliar apresentaram comportamentos diferentes entre as regiões, em termos de intensidade de queda. No Centro-Oeste, que detém o menor contingente de trabalhadores nessa categoria, houve uma redução de 47% na quantidade de postos de trabalho no final de 2023 em relação ao início de 2012, percentual muito próximo ao da região Sudeste, cuja redução foi de 44%. A região Norte foi a que apresentou a menor redução, 21%. Na região Sul, que continha no início da série histórica o segundo maior contingente de trabalhadores familiares auxiliares, a queda foi mais intensa, 58%, ficando, no final de 2023, com o terceiro maior contingente, logo após a região Norte.

Foi mesmo na região Nordeste, que, no início da série histórica, chegou a apresentar um contingente que correspondia a 43% do total nacional, que a redução do número de trabalhadores auxiliares foi mais Forte. No primeiro trimestre de 2012 havia mais de 650 mil postos de trabalho, manifestando uma tendência de queda durante todo o período, mas com maior intensidade entre o último trimestre de 2015 e o terceiro de 2016. Ao final de 2023, apresentou uma redução de 71%, ao ficar com 189 mil trabalhadores, cifra muito próxima à da região Norte (185 mil). A queda de postos de trabalho no Nordeste nessa categoria representou 55% da queda total nacional.

As ocupações relativas à categoria conta-própria apresentaram relativa estabilidade em quatro regiões, Centro-Oeste, Norte, Sudeste e Sul. Nessas regiões, observam-se inclusive uma leve alta nos anos de pandemia, reduzindo em seguida, mas terminando a série histórica com reduções bem mais amenas do que ocorreu com os trabalhadores familiares auxiliares, apresentando uma variação máxima de -18% na região Sul. O somatório de perdas de postos de trabalho nessas quatro regiões representa 18% do total nacional, sendo os demais 82% referente à região Nordeste, que perdeu mais da metade das ocupações por conta-própria no período em análise. No primeiro trimestre de 2012, havia nma região 2,26 milhões de trabalhadores por conta-própria, chegando, em um contexto de crises e mudanças estruturais, a aproximadamente 1,1 milhão de ocupações, o que expressa a forte redução dessa categoria de ocupação no período analisado.

Portanto, observa-se que é esse fenômeno de redução dos trabalhadores conta-própria na região Nordeste o principal indicador da queda do emprego agrícola no Brasil na segunda década do século XXI. Ainda que as categorias relacionadas à agricultura familiar, conta-própria e trabalhador familiar auxiliar tenham tido quedas em todas as regiões, no Nordeste essa tendência foi aguda, representando a maior parte das perdas de postos de trabalho, a ponto de modificar a composição por posições na ocupação no agregado nacional. Por outro lado, nota-se que as categorias de emprego agrícola, formais e informais, apresentaram estabilidade com leve tendência de alta em todas as regiões, inclusive no Nordeste. Uma série de fatores já extensamente discutidos na literatura, como o processo de urbanização, a modernização agrícola, a diversificação econômica das pequenas cidades, o fenômeno da pluriatividade e a concentração fundiária, ajudam a fornecer uma explicação geral para a redução do trabalho no campo. Assim, a especificidade dessa redução em uma única categoria social, a agricultura familiar, e a maior intensidade dessa redução na região Nordeste apontam para uma possível relação com a grande seca ocorrida entre 2012 e 2017 nessa região, que pode ter influenciado a dinâmica de trabalho dentro da agricultura familiar como estratégia de sua reprodução social.